

EMPRESAS E SUBSIDIÁRIAS PORTUGUESAS NO BRASIL: UM PANORAMA

Joaquim Ramos Silva

ISEG/UTL

Francisco Chaves Fernandes

CETEM/MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasil

Carla Guapo Costa

ISCSP/UTL

INTRODUÇÃO

Desde meados dos anos 90, os investimentos no Brasil destacam-se claramente no contexto da internacionalização das empresas portuguesas. Este facto é tanto mais de salientar quanto traduz algum rompimento com a lógica de elevada concentração geográfica das relações económicas externas portuguesas que se tinha instalado nas últimas décadas (e que permanece, no essencial).

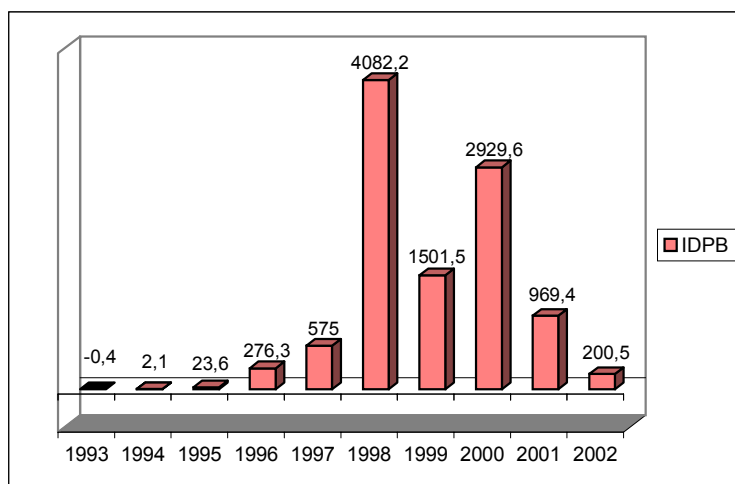
É importante, desde já, assinalar que várias razões contribuíram para o interesse analítico desta experiência. Para começarmos, vale a pena referir três. Primeiro, o processo foi acompanhado por um crescimento geral dos principais fluxos bilaterais, dando neste plano, uma fisionomia própria à década 1992-2002, o que é tanto mais relevante quanto ele convergiu com a crescente globalização e integração regional (Silva, 1999, 2002). Segundo, este maior relacionamento entre as duas economias e, em particular, entre as suas empresas, surgia como uma ocasião por excelência a fim de avaliar o peso de factores específicos como língua comum, história partilhada e afinidades culturais na decisão de investir no exterior (Silva, 2002, Costa, 2002). Terceiro, tratando-se da fase inicial da internacionalização das empresas portuguesas, com escassa experiência neste domínio, era um caso que se oferecia com vista a testar, novamente e de uma forma cristalina, a validade das principais teorias explicativas que lhe são aplicáveis, em particular as teses subjacentes à Escola Nórdica, ao paradigma OLI de John Dunning e ao *investment development path* (Buckley e Castro, 1998, Castro, 2000).

Tendo em conta este conjunto inicial de razões, não surpreende que um número significativo de investigadores portugueses, brasileiros e internacionais se tenha, nos

últimos anos, debruçado sobre a experiência, e que uma literatura relativamente extensa tenha mesmo surgido,¹ analisando-a sob diversas vertentes e melhorando o nosso conhecimento global sobre a questão.

Gráfico 1

PORTUGAL: INVESTIMENTO DIRECTO NO BRASIL, 1993-2001
(saldo, milhões de euros correntes)



Nota: Os dados incluem os lucros reinvestidos a partir de 1996

Fonte: Banco de Portugal.

Em termos numéricos, o processo está agora razoavelmente documentado em obras que já foram publicadas (por exemplo, Silva, 2002), pelo que nos limitaremos a apresentar aqui uma perspectiva de conjunto que incorpore os dados mais recentes, ainda que estes não sejam definitivos (é o caso do ano de 2002). Assim, como se pode observar através do gráfico 1, no período 1995-2002, o investimento directo português no Brasil (IDPB), em saldo, foi da ordem de *10557.9 milhões de euros*. Em termos brutos, segundo as estatísticas do Banco de Portugal divulgadas no início de 2003, investiram-se *16068.9 milhões de euros* no mesmo período, o que dá uma taxa de desinvestimento global de 34,3% (ainda que esta taxa tenha sido superior a 50% em 1999, 2001 e 2002, e tenha mesmo aumentado nestes dois últimos anos)²

¹ Para além dos trabalhos já citados, e sem qualquer preocupação de sermos exaustivos, referimos ainda Silva (1998), Mendonça (2001a e b), Costa (2001), Castro e Buckley (2001), Simões (2001), Guedes e Olivares (2003) e de um número crescente de teses e dissertações já concluídas ou em curso.

² De uma forma geral, é de admitir que estes valores se encontrem aquém da realidade. Mesmo excluindo a problemática dos *off-shores*, os dados do Banco de Portugal incluem apenas os investimentos de empresas com sede no país; assim, por exemplo, os investimentos no Brasil através de subsidiárias estrangeiras de grupos nacionais (por exemplo, CIMPOR ou SONAE) não são considerados, ao passo que a situação inversa será menos comum. De resto, como questão mais de

Seja como for, e independentemente da irregularidade que é típica destas séries, entre 1996 e 2002, o IDPB atingiu sem dúvida níveis elevados para um país cujas empresas se começaram a internacionalizar de modo significativo através do investimento directo estrangeiro (IDE), apenas na primeira metade da década de 90³. O processo de privatizações brasileiras ajudando, o seu pico verificou-se mesmo em 1998, quando alcançou cerca de 4% do PIB português⁴. É óbvio que uma das questões prioritárias para a investigação tinha a ver com a tradução destes valores em termos de presença concreta das empresas portuguesas e suas subsidiárias no Brasil.

Todavia, um dos principais escolhos que, desde logo, se levantava ao avanço da investigação era a *inexistência de um banco de dados credível sobre a presença das empresas portuguesas no Brasil*, uma ferramenta essencial com vista ao acompanhamento e à avaliação sólida e fundamentada da experiência, designadamente no que respeita aos seus resultados e à compreensão das estratégias adoptadas. A nível global, esta dificuldade era acrescida pelas constantes revisões das séries de investimento directo e pelas já referidas insuficiências estatísticas que perturbam a sua cobertura exacta e fiável. Assim, impunha-se previamente um levantamento eficaz das empresas portuguesas internacionalizadas no Brasil que possibilitasse uma primeira caracterização com vista ao aprofundamento necessário do estudo científico da experiência.

Procurando superar esta limitação, até certo ponto natural na medida em que se tratava de um fenómeno ainda recente, e visando facilitar o exame e o acompanhamento das trajectórias efectivas das empresas portuguesas no Brasil desde a sua instalação, constituiu-se em 2001, o *Banco de Dados do Observatório dos Investimentos Portugueses no Brasil* integrado no Projecto de Investigação⁵ que tem sido desenvolvido no CEDIN/ISEG/UTL em cooperação com o CETEM/MCT/Rio de Janeiro. O presente trabalho é resultado da investigação realizada neste âmbito (que passa não só pela recolha e interpretação de dados e a realização de inquéritos directos às empresas, mas também pelo recurso a outras fontes) que nos veio permitir uma caracterização mais fundamentada das empresas portuguesas que se têm instalado no Brasil. Obviamente, trata-se de uma apresentação de resultados ainda com muitas imperfeições, mas cremos que ela se justifica a fim de demonstrar as potencialidades desta metodologia e incentivar o seu aprofundamento.

fundo, importa salientar que os investigadores que trabalham sobre IDE recomendam que, para efeitos de determinação da origem do IDE, se utilize de preferência, as fontes estatísticas do país de acolhimento (mais que as do país da empresa-mãe); todavia, no caso brasileiro, também estas fontes não cobrem todo o universo (apenas os investimentos acima de 10 milhões de USD).

³ Ver Silva, 1994 e Mendonça, 1997.

⁴ Ver artigo de Silva e Fernandes no presente volume.

⁵ "As Novas Relações Portugal-Brasil num Contexto de Globalização e Integração Regional: Tendências e Estratégias", para mais pormenores ver site: <http://www.iseg.utl.pt/~cedin/portugalbrasil>.

Assim, terminando esta conclusão, importa sublinhar que avançaremos aqui na tipologia geral das empresas portuguesas no Brasil, em relação a toda uma série de indicadores, como *número das empresas-mãe e subsidiárias, data da sua instalação, localização na origem e no destino, dimensão e sectores de actividade principal*. Quando tal se justificar, devido à sua importância quantitativa ou exemplar, o caso de algumas empresas, distritos (ou regiões) e sectores serão referidos com maior detalhe bem como cruzaremos os principais indicadores. No final, tendo em conta os resultados a que foi possível chegar, salientamos as principais características do processo e levantamos algumas hipóteses e relações entre elas visando o prosseguimento da investigação sobre a experiência.

AVALIAÇÃO GLOBAL DO NÚMERO DE EMPRESAS PORTUGUESAS E SUAS SUBSIDIÁRIAS NO BRASIL – DATA DE INSTALAÇÃO

As informações reunidas pelo Banco de Dados permitem-nos fazer uma aproximação ao número total das empresas portuguesas que se têm internacionalizado no Brasil. Assim, *com referência a Março de 2002*, tendo em conta a informação acumulada, podia-se fazer o seguinte diagnóstico:

- *existiam 304 empresas-mãe portuguesas controlando 370 subsidiárias que constituíram formalmente no Brasil*; dispõe-se de dados precisos sobre a razão social e a natureza jurídica de cada uma delas, como ainda das suas actividades económicas principais e da sua localização física, tanto para o Brasil como para Portugal. Destas, *240 empresas-mãe estão ainda melhor identificadas em Portugal*, segundo os principais resultados nos *ítems* do último balanço disponível (volume de negócios, VAB, activo, capital próprio e número de empregados). É sobre este universo que a nossa análise se vai principalmente centrar;
- só os grandes grupos portugueses que investiram no Brasil constituíram mais de 100 subsidiárias, necessárias à operacionalidade da sua logística, uma malha vertical extensa, principalmente com funções de *holding* de participações e de consórcio. Esta é, aliás, uma prática corrente nas actividades económicas das concessões (electricidade, água, saneamento e auto-estradas). A título de exemplo, refiram-se alguns casos de criação de subsidiárias: a PT (12 empresas), a EDP (22), a AdP/EPAL (3), a ANA e a SOMAGUE (6 empresas cada) e ainda o grupo SONAE que actua no Brasil em mais quatro áreas de negócios distintas da dos supermercados (19 empresas), existindo também *joint-ventures* entre grupos distintos portugueses, entre portugueses e brasileiros, entre portugueses e outros grupos estrangeiros, bem como empresas *of one purpose*⁶;

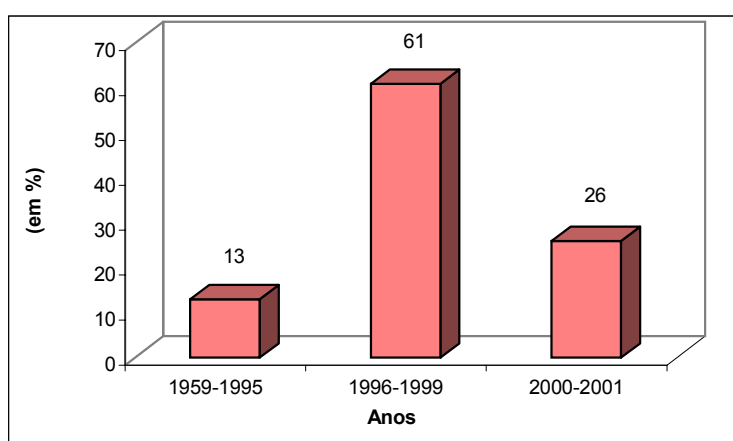
⁶ As listas destas subsidiárias estão directamente disponíveis nos Relatórios Anuais de Actividades que os principais grupos económicos portugueses disponibilizam, a maior parte está acessível em *site*.

- detém-se ainda uma lista adicional de mais de 300 outras localizações económicas individualizadas do capital português no território brasileiro, com grande preponderância nos Estados situados a Sul e Sudeste, tal como aliás se quantificará mais adiante, sendo de destacar a muito diversa localização dos supermercados dos grupos portugueses, um vultuoso investimento avaliado em 1700 milhões de euros (também com referência a Março de 2002)⁷, só na área de negócios do sector de distribuição do comércio retalhista, da dezena de localizações produtivas da CIMPOR, ou da SAG/SIVA/Pereira Coutinho, que controla uma extensa rede brasileira de *rent-a-car* (Unidas) espalhada pelo território brasileiro.

Tendo em conta que se trata de uma primeira avaliação numérica, na base da identificação já conseguida e tratada pelo Banco de Dados, é óbvio que este apuramento é susceptível de melhorias futuras. Todavia, o conjunto de empresas obtido é representativo e permite-nos não só ter uma visão geral do processo, como ainda colmatar a falta ou as deficiências das estatísticas oficiais, quando pretendemos efectivamente estudar a internacionalização das empresas portuguesas no Brasil.

Gráfico 2

EMPRESAS PORTUGUESAS: PERÍODO DE INSTALAÇÃO NO BRASIL



Fonte: Resultado do inquérito conduzido junto das empresas portuguesas no Brasil.

⁷ Nesta área, como se sabe, durante 2002 houve, por parte de empresas portuguesas, saídas ou anúncio de saídas, por exemplo nos casos da Jerónimo Martins e da ENSITEL; todavia, estes processos podem ser longos e mais ou menos parciais.

Ainda neste ponto, outro indicador que importa considerar tem a ver com a data de instalação das empresas portuguesas. Como o Banco de Dados não nos permitiu uma informação abrangente e uniformizada sobre esta questão, procurou-se suprir esta lacuna através de inquérito directo. Apesar do número de respostas não ter sido elevado (73), prejudicando a sua representatividade, os resultados estão patentes no gráfico 2. Aí se constata que a clara maioria das empresas veio para o Brasil apenas em 1996-99, e mesmo o biénio 2000-01 regista uma percentagem mais elevada de instalações do que o longo período 1959-95. Assim, confirma-se mais uma vez o carácter recente do processo, e que as empresas portuguesas depois de terem vivido décadas de costas voltadas para o Brasil, apenas com uma ou outra excepção, alteraram de forma radical a sua postura face a este mercado, que passou a desempenhar um papel relevante na sua internacionalização.

TERRITORIALIDADE EM PORTUGAL E IMPLANTAÇÃO REGIONAL NO BRASIL

Um dos temas que mais interesse suscita quando se estuda o IDE tem a ver com a territorialidade da empresa, pois este factor pode ser muito importante na explicação dos motivos que estiveram na base da decisão de investir no exterior⁸. Assim, pretende-se começar por fazer uma análise da territorialidade destas empresas, através da determinação do local geográfico de origem, por distritos e regiões de Portugal. O quadro 1 e o gráfico 3 mostram os resultados obtidos, primeiro por distritos e depois por regiões. A terminar o ponto, consideramos também a distribuição das empresas por regiões e Estados brasileiros, e extraímos algumas conclusões sobre a localização, quer na origem quer no destino, numa perspectiva de conjunto.

Analisando as empresas-mãe na sua localização de origem, nota-se que apenas 5 distritos dos 18 que constituem a nomenclatura distrital portuguesa (Continente), apresentam uma participação significativa: Lisboa, Porto, Aveiro, Leiria e Braga; nos restantes, registam-se valores iguais ou inferiores a cinco empresas e em quatro (Castelo Branco, Faro, Guarda e Portalegre) não se localiza mesmo nenhuma.

Verifica-se que há uma concentração nítida das empresas no distrito de Lisboa (43% do total de empresas) e o segundo distrito de origem mais importante é o Porto (com 26% do total), o que reproduz, mais uma vez, a polarização das unidades empresariais mais dinâmicas, neste caso com tendência para a internacionalização, em torno dos dois grandes distritos económicos do país.

⁸ A este propósito veja-se por exemplo, a referência clássica de Hymer, 1960, ou ainda Newfarmer e Muller, 1975, e Dunning e Pearce, 1981.

Quadro 1

**PORTUGAL: A LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS-MÃE COM IDE NO
BRASIL, SEGUNDO O DISTRITO**

Distritos	Empresas (nº)	%
Lisboa	102	42,5
Porto	62	25,8
Aveiro	37	15,4
Leiria	12	5,0
Braga	11	4,6
Setúbal	5	2,1
Viseu	2	0,8
Funchal	2	0,8
Coimbra	2	0,8
Bragança	1	0,4
Vila Real	1	0,4
Viana do Castelo	1	0,4
Santarém	1	0,4
Beja	1	0,4
TOTAL	240	100,0

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002).

No entanto, uma análise mais detalhada permite-nos chamar a atenção para outra dimensão menos óbvia da territorialidade. Assim, importa sublinhar um facto marcante e, à primeira vista, surpreendente: o terceiro distrito em termos de proveniência é o de Aveiro, com 15% de participação no número total de empresas-mãe (42,5% de Lisboa e 25,8% do Porto), seguido ainda pelo distrito de Leiria, o quarto por ordem decrescente, que no essencial pertence à mesma região, com 5%.

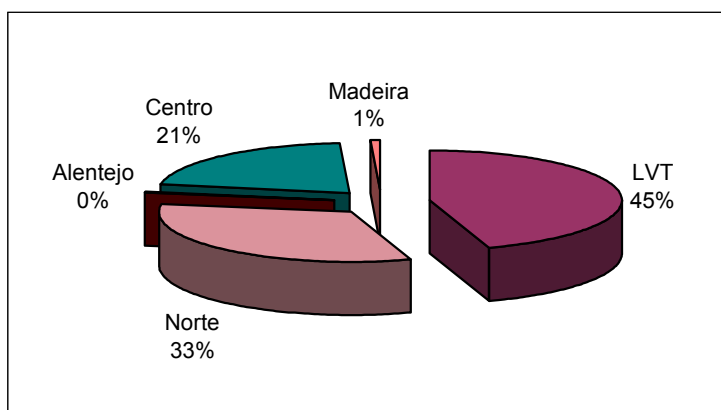
Os valores do distrito de Aveiro e, em menor grau, de Leiria, são sem dúvida muito significativos, e, como veremos adiante ao cruzarmos a localização das empresas com a actividade económica, verifica-se uma certa concentração nestes distritos das empresas portuguesas que estão internacionalizadas no Brasil, designadamente pequenas e médias empresas (PME) que actuam em ramos industriais avançados e/ou competitivos (moldes,

componentes e acessórios de veículos, máquinas e equipamentos pesados e cerâmica), e em actividades de consultoria e serviços prestados a outras empresas, o que evidencia um posicionamento nos lugares cimeiros da cadeia de valor, por vezes correspondendo a *clusters* que estão a emergir. Relativamente a outros distritos com maior potencial económico (Setúbal, por exemplo, com apenas 2,1% e cinco empresas), é de ter também em conta a tradição destes dois distritos no domínio da exportação e da abertura ao exterior.

Apenas mais um distrito de Portugal, o de Braga, tem alguma outra participação de relevo, com 4,6%. Registe-se, igualmente, a fraca representatividade do distrito de Coimbra, em claro contraste com os vizinhos Aveiro e Leiria, o que suscita alguma perplexidade, já que se trata de um distrito, em termos relativos, com alto poder económico e elevada contribuição para o rendimento nacional.

Gráfico 3

**PORTUGAL: A LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS-MÃE COM IDE NO BRASIL,
SEGUNDO AS REGIÕES (EUROSTAT)**



Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002).

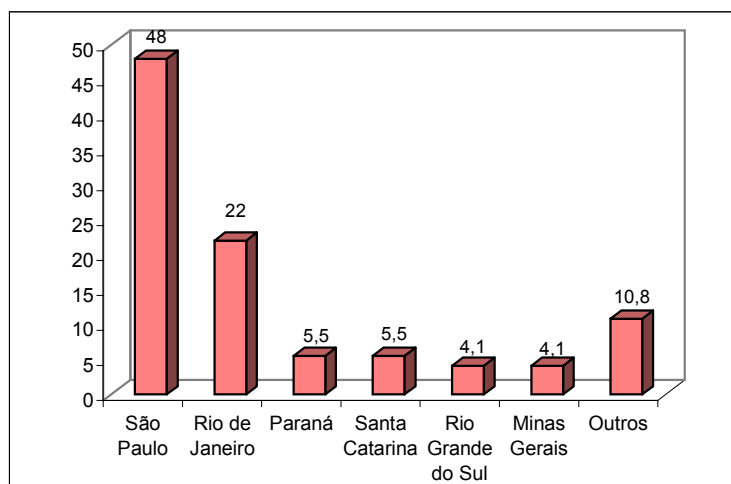
Ainda, uma análise mais agregada por grandes regiões portuguesas, com base na classificação do Eurostat (gráfico 3), salienta claramente o peso da Região de Lisboa e Vale do Tejo (com 45% do total), seguida da Região Norte (32,5%) e da Região Centro (21,3%); no entanto, a soma das duas últimas ultrapassa claramente a primeira e representa mais de metade do total. Saliente-se, igualmente, a fraca representatividade das regiões da Madeira e do Alentejo e finalmente a ausência de participação das Regiões do Algarve e dos Açores.

Em complemento da abordagem anterior, interessa agora ver como se localizam regionalmente os investimentos das empresas portuguesas no Brasil. Tendo em conta que

os dados apurados pelo ICEP assentam essencialmente na localização das sedes sociais (por vezes meras representações), e que através do Banco de Dados se tornava difícil esta caracterização de forma precisa, procurámos analisar esta distribuição através de inquérito directo às empresas. Os resultados são apresentados no gráfico 4.

Gráfico 4

**BRASIL: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO INVESTIMENTO PORTUGUÊS,
POR ESTADO FEDERATIVO**
(em percentagem)



Fonte: Resultado do inquérito conduzido junto das empresas portuguesas no Brasil

Como se pode constatar, o investimento espalha-se geograficamente, mas também sem fugir a uma nítida concentração. Assim, nos três grandes Estados da Região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), que inclui ainda Espírito Santo, localizam-se quase 3/4 do total. Em segundo lugar, os três Estados da Região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná) surgem com 15,1% do total. As outras três Regiões (Centro-Oeste, Nordeste e Norte), que ocupam a grande maioria do território brasileiro, mas que também são, em termos gerais, menos desenvolvidas, ficam apenas com pouco mais de 10% do total. Deve-se, no entanto, ter presente que estes números não consideram a localização das subsidiárias, em particular, quando se trata de unidades produtivas⁹, bem como não se levam em conta os estabelecimentos comerciais, como os das redes de supermercados.

⁹ Por exemplo, só o grupo CIMPOR dispõe de seis fábricas de cimento e as quatro fábricas de betão em diversos Estados.

Deve-se ainda referir que a situação pode ser diferente de sector para sector¹⁰. Claramente, na medida em que no Banco de Dados, apenas se dispõe de informações parciais e ainda bastante dispersas, esta é uma área onde se impõe uma investigação mais aprofundada, pelo menos no tocante às grandes empresas, a fim de ter uma imagem tão exacta e extensa quanto possível dos investimentos portugueses no Brasil.

Em conclusão, a análise da territorialidade, quer no país de origem quer no de destino, mostra que os investimentos empresas portuguesas no Brasil procedem de distritos (e regiões) relativamente mais desenvolvidas e com maior potencial económico mas também de outros com tradição de abertura ao exterior e com alguns segmentos produtivos modernos e competitivos (grosso modo, distritos de Lisboa e Porto *versus* Aveiro e Leiria). Por outro lado, localizam-se em regiões que no conjunto têm algumas semelhanças à da sua territorialidade de origem (São Paulo e Rio de Janeiro *versus* Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

DIMENSÃO DAS EMPRESAS: ASPECTOS BÁSICOS

Neste domínio, começou-se por investigar quais são as empresas-mãe que estão internacionalizadas no Brasil e que figuram nas mais relevantes publicações anuais da imprensa que compilam os balanços das empresas portuguesas.¹¹

Comparando-se as empresas nelas citadas, com o nosso Banco de Dados onde constam os accionistas portugueses das empresas estabelecidas no Brasil, conclui-se que se encontram no Brasil, com efectivos investimentos, 106 das 1000 Maiores Empresas/Grupos Portugueses constantes dessas listas, correspondendo a 41% do nosso universo de 240 empresas.

Ainda uma contagem somente nas "*1000 Maiores do EXPRESSO*" (2001), permite concluir que as "*Maiores das Maiores*" empresas portuguesas estão esmagadoramente internacionalizadas no Brasil conforme se verifica no quadro 2: no extracto das 10 Maiores figuram 7 empresas com internacionalização no Brasil, 70% do total e essa participação percentual vai diminuindo progressivamente até atingir cerca de 9%, ou seja, 88 empresas num total de 1000.

¹⁰ Assim, os grupos hoteleiros portugueses têm realizado importantes investimentos na Região Nordeste do Brasil.

¹¹ A consulta das publicações anuais sobre as "Maiores Empresas Portuguesas", vindas a lume em EXAME (500), EXPRESSO (1000), Diário de Notícias (1000), as das PME dos mesmos periódicos, a lista da FE–Federação Empresarial e ainda o *TOP Business* (divulgado em CD pelo *Semanário Económico* e pela revista *Fortunas*) contendo 3.500 empresas, revelaram-se importantes fontes de informação.

No segundo passo, procurou-se apurar a dimensão através da participação no universo das empresas internacionalizadas no Brasil, dividindo-o em dois grupos, respectivamente, das Grandes Empresas (GE) e das Pequenas e Médias Empresas (PME).

Quadro 2

**AS EMPRESAS PORTUGUESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL
QUE FIGURAM NO EXPRESSO 1000 MAIORES (2001)**

1000 Maiores Empresas Portuguesas	Empresas	%
-- Nas 10 Maiores	7	70,0
-- Nas 50 Maiores	17	34,0
-- Nas 100 Maiores	24	24,0
-- Nas 500 Maiores	61	12,2
-- Nas 1000 Maiores	88	8,8

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Para o conceito de PME, adoptou-se a Recomendação da Comissão 96/280/CE de 1996, segundo a qual uma empresa para se encontrar nesta categoria, precisa de satisfazer simultaneamente os três requisitos seguintes:

- ter menos de 250 trabalhadores;
- apresentar um volume de negócios anual que não exceda 40 milhões de euros ou um balanço anual total que não exceda 27 milhões de euros;
- cumprir o critério de independência: – não são propriedade, em 25%, ou mais, do capital ou dos direitos de voto de uma outra empresa, ou, conjuntamente, de várias empresas que não se enquadrem na definição de PME ou de pequena empresa, conforme seja o caso.

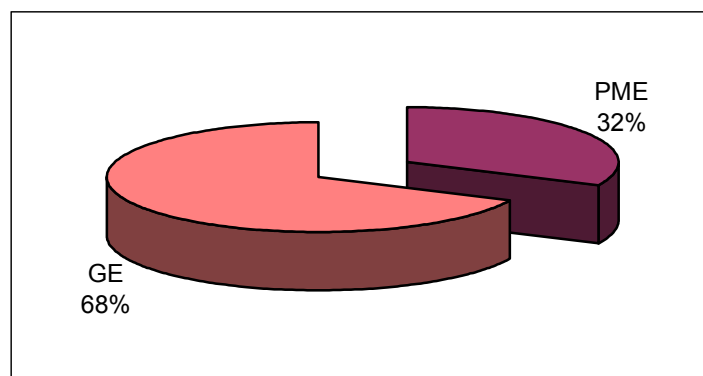
Estes foram os três critérios utilizados na nossa metodologia de classificação e quando uma empresa não os preenchia era classificada como GE, por exclusão.

Como se pode constatar através do gráfico 5, a internacionalização para o Brasil foi predominantemente feita pelas GE, que representam 163 empresas num total de 240, uma participação de 68%, mas também pelas PME, 77 empresas, 32% do total do número total de empresas, numa proporção de cerca de duas para uma.¹²

¹² É de relembrar que temos referenciadas mais cerca de 60 empresas das quais não se conseguiu identificar ainda a empresa-mãe portuguesa, o que presumivelmente poderia elevar um pouco mais a participação das PME até no máximo de 40% de participação.

Gráfico 5

**PORTUGAL: EMPRESAS NO BRASIL SEGUNDO
A SUA DIMENSÃO – GE E PME**



Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Apresentam-se em seguida alguns casos que consideramos significativos, entre outros possíveis de internacionalização para o Brasil, cotejados entre as grandes empresas:

- a internacionalização crescente e sustentada do grupo *SONAE* que atingiu no final do ano de 2001, 43% do seu volume de negócios consolidado (Portugal participa com os restantes 57%), onde o Brasil detem 53%, o resto da Europa com 30% e o resto do Mundo com 17%. Na área de negócios de distribuição, a *SONAE* ocupa já um lugar cimeiro no *ranking* das empresas brasileiras da distribuição comercial (em 2001, 3º lugar, após o *Carrefour* e o *Pão de Açúcar*);
- a *Portugal Telecom*, através das suas subsidiárias e participadas brasileiras, viabilizou-se como um protagonista de peso global na área das telecomunicações, sendo actualmente a décima maior operadora mundial de telemóveis.¹³;
- a *EDP* que além de deter no Brasil concessões de distribuição de energia de dimensão equivalente à de Portugal, implanta-se ainda actualmente, na área de geração de vários grandes projectos de construção de barragens em diversos Estados brasileiros;
- a *CIMPOR*, que figura entre os dez maiores grupos cimenteiros do mundo, controla 10% do mercado brasileiro da indústria do cimento e ilustra também um caso de sucesso, obtendo resultados muito expressivos em poucos anos (início em 1997).

¹³ Segundo o *Expresso* de 11 de Maio de 2002, um estudo da Roland Berger classificou a PT na décima posição mundial, com 1,2% dos 778 milhões de telemóveis existentes no mundo.

Assim, por exemplo, em 2000, a taxa de crescimento da produção de cimento do grupo foi de 32%, enquanto as suas fábricas em Portugal tiveram apenas um crescimento de 5%, no Brasil, a *CIMPOR* cresceu 46%.

Através destes exemplos, no âmbito dos maiores grupos económicos, ou pelo menos para uma significativa parte deles, os investimentos no Brasil oferecem um grande potencial, em particular sendo uma importante via para o aumento do seu peso internacional e para a adopção de estratégias mais globais (e logicamente, também para a própria economia portuguesa no seu conjunto!)¹⁴.

É interessante referir ainda que entre as GE se encontram algumas empresas que no passado eram tradicionalmente apontadas como PME, tendo até sido objecto de estudos de caso (Brás, 1999), mas que hoje em dia, não são mais PME, porque ultrapassam a fasquia dos dois primeiros critérios, evolução de que são exemplos a Logoplaste e a Novabase. Estas empresas tiveram resultados em exercícios sucessivos com alto crescimento no seu volume de negócios e ainda ampliaram o número de trabalhadores; apenas no ano de 2001, cresceram respectivamente em volume de negócios, 30% e 133%, e atingiram o número de 870 e 800 trabalhadores. Ainda que, obviamente, o mercado brasileiro não tenha sido o único responsável por esta evolução (mais no caso da Logoplaste do que da Novabase), trata-se de experiências de internacionalização com grande sucesso,¹⁵ para o qual contribuiu.

Com o objectivo de prosseguir a análise territorial das empresas-mãe em Portugal, cruzamos agora a sua dimensão com a localização territorial. Conforme se mostra no quadro 3, quase metade das GE provêm de Lisboa, mas em termos de número de PME, os distritos de Lisboa, Porto e Aveiro, situam-se quase em pé de igualdade. Isto é, os dados indicam uma clara preponderância das GE, ainda que, em termos de distribuição distrital as PME se encontrem mais equitativamente repartidas.

¹⁴ Um dos casos de eventual parceria entre grandes grupos económicos dos dois países e que mais interesse tem suscitado nos últimos anos, diz respeito ao sector da celulose, em particular através da anunciada privatização da Portucel. No essencial, isso deve-se ao facto de, tanto Portugal como o Brasil, disporem de vantagens comparativas neste sector, evidentes à escala mundial (sobre a importância da especialização como força motriz da parceria luso-brasileira, veja-se Silva, 2002, pp. 53-68) e de vários grupos económicos dos dois países se terem manifestado interessados no negócio, designadamente de uma maneira cruzada. Uma aliança SONAE/Suzano chegou a ser anunciada em 2001 e posteriormente desfeita. Todavia, há que aguardar pelo desfecho pela privatização da Portucel (tendo em conta que escrevemos em Fevereiro de 2003, importa referir que a privatização está prevista, mas ainda não tem data certa), a fim de ver o que efectivamente acontece e se, neste sector, alguma parceria luso-brasileira significativa se perfila no horizonte.

¹⁵ A Logoplaste anunciou em Abril de 2002 (*Expresso* de 2002.04.13) um grande investimento da ordem de 14 milhões de euros em Itália, o primeiro investimento industrial português de raiz neste país europeu, o que a par de outros exemplos citados por Brás, 1999, mostra que a expansão das empresas portuguesas no Brasil pode favorecer a sua penetração na Europa, e não levar a um afastamento como alguns temiam (Silva, 2002, p. 143).

Quadro 3

**PORTUGAL: AS EMPRESAS PORTUGUESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL
SEGUNDO A SUA DIMENSÃO GE E PME CLASSIFICADAS POR DISTRITOS**

Distritos	PME		GE		Total
	nº	%	nº	%	
Lisboa	22	28,6	80	48,7	102
Porto	20	25,9	42	25,7	62
Aveiro	18	23,4	19	11,7	37
Braga	1	1,3	10	4,3	11
Leiria	8	10,4	4	2,7	12
Setúbal	3	3,9	2	1,2	5
Outros distritos	5	5,8	6	6,1	11
Total	77	100,0	163	100,0	240

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

DISTRIBUIÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE

No âmbito deste estudo, outro elemento que é indispensável conhecer diz respeito à caracterização das empresas que investiram no Brasil segundo a actividade económica principal em Portugal. Assim, no Banco de Dados, classificámos cada empresa, a 5 dígitos da CAE (Classificação das Actividades Económicas), do Instituto Nacional de Estatística-INE. Optou-se, por razões de espaço, em apresentar neste trabalho uma classificação mais agregada, que se baseia nas secções da CAE e ainda na descrição das actividades consideradas por indústria, comércio e serviços apenas a dois dígitos.

O quadro 4 apresenta a distribuição do número de empresas por grandes sectores de actividade, mostrando que o sector mais importante das empresas-mãe em Portugal é o da indústria, com 59% do total, sendo que a indústria transformadora participa com 50% do total, a construção com 8% e finalmente a indústria extractiva com 1%. Em seguida vêm outros sectores, como os serviços e produção com 30%, o comércio com 8% e a distribuição de electricidade, gás e água com 3%.

Quadro 4

**PORTUGAL: AS EMPRESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL SEGUNDO OS
GRANDES SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA EM QUE ACTUAM, NÚMERO E
VOLUME DE NEGÓCIOS**

Sectores de Actividades (CAE)	Empresas	%	VN*	%
Indústria	141	58,8	1.053.966	22,0
--- Extractiva	2	0,8	12.251	0,3
--- Transformadora	119	49,6	629 879	13,1
--- Construção	20	8,3	411.836	8,6
Comércio	19	7,9	1.817.050	37,9
Produção e distr. de electric., gás e água	7	29	682.342	14,2
Outros Serviços	73	30,4	1.237.450	25,8
Total	240	100,0	4.790.808	100,0

NOTA: *Dados preliminares, o volume de negócios está somente disponível para 181 empresas das 240 empresas constantes do banco de dados, não incluindo, entre outros, os bancos e instituições financeiras, as empresas imobiliárias e mobiliárias.

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

No entanto, relativamente ainda a este indicador, comparando o *volume de negócios* com o número de empresas do respectivo sector (cf. quadro 4), chega-se a resultados muito diferentes, mostrando uma grande preponderância do comércio com 38% do total, serviços com 26% e a produção e distribuição de electricidade, gás e água com 14% (que em conjunto atingem 78% do total), enquanto que a indústria se fica apenas pelos 22% (e a própria indústria transformadora com 13%). Apesar da base estatística precária dos dados sobre o volume de negócios (insuficiente cobertura), não deixa de ser interessante assinalar que o confronto dos dois indicadores evidencia um *volume de negócios por empresa* muito mais baixo na indústria do que nos restantes sectores considerados.

No quadro 5 procede-se a uma maior desagregação das actividades económicas das empresas-mãe, tanto para a indústria como para os serviços. Assim, na indústria, há um grande leque de actividades mas ressaltam:

- quatro ramos "tradicionais", os têxteis e calçado, as alimentares e bebidas, a madeira e a cortiça, e os produtos de minerais não-metálicos;
- ao lado de dois ramos "modernos": as máquinas e equipamentos eléctricos e as matérias plásticas.

Nos serviços, assiste-se ao mesmo fenómeno de larga diversificação, embora as actividades ligadas às novas tecnologias de informação e ainda de consultoria a empresas, bem como o peso dos sectores de transportes e agências de viagem e da hotelaria e turismo, se destaquem.

Quadro 5

PORTUGAL: EMPRESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL SEGUNDO OS GRANDES SECTORES E RAMOS DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS EM QUE ACTUAM EM PORTUGAL

Grandes Sectores (CAE)/- Ramos a 2 dígitos (CAE)	Empresas	%
Indústrias extractivas	2	0,8
Indústrias transformadoras, das quais,	119	49,6
- Fabr. de têxteis e calçados	24	10,0
- Fabr. de máquinas e equipamentos	15	6,3
- Inds. alimentares e das bebidas	14	5,8
- Inds. da madeira e da cortiça	13	5,4
- Fabr. de produtos de minerais não-metálicos	13	5,4
- Fabr. de matérias plásticas	11	4,6
- Edição de informação	5	2,1
- Fabr. de produtos metálicos	5	2,1
- Fabr. de máquinas e equipamentos eléctricos	5	2,1
- Fabr. de mobiliário	5	2,1
- Fabr. de componentes p/ veículos automóveis	4	1,7
- Outras divisões das indústrias transformadoras	5	2,1
Construção civil e consultoria conexa	20	8,3
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	7	2,9
Comércio por grosso e retalho, reparação de veículos	19	7,9
Serviços	73	30,4
- Hotelaria	7	2,9
- Transportes e agências de viagem	10	4,2
- Telecomunicações	8	3,3
- Bancos	4	1,7
- Imobiliárias	6	2,5
- Actividades informáticas	21	8,8
- Consultorias a empresas	12	5,0
- Saúde e outros serviços colectivos e recreativos	5	2,0
TOTAL	240	100,0

Nota: IE (CAE 01 a 14); Indústria Transformadora [CAE 15 a 37]; Construção [45; 742 e 743]; Comércio [50 a 55]; Serviços [55, 61 a 63, 64, 65, 70, 71, 72, 74, 85, 91 e 92]; Electricidade, gás e água [40 e 41].

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Tal como fizemos com outros indicadores que precederam, importa agora ver quais são as actividades das empresas portuguesas no Brasil por sector económico. Como se pode observar no quadro 6, eles estendem-se igualmente por um amplo leque de actividades que permeiam o tecido produtivo brasileiro, distribuindo-se inclusive por algumas importantes áreas de influência nacional e regional (telecomunicações, electricidade, supermercados e cimento). À primeira vista, e é esse o caso do *agri-business*, não deixa de ser interessante assinalar que não há necessariamente correspondência entre as actividades no país de origem e no país de destino.

Quadro 6

BRASIL: AS PRINCIPAIS ACTIVIDADES ECONÓMICAS DAS SUBSIDIÁRIAS PORTUGUESAS

Agricafé, fruticultura (pera, laranja, limão, pinha, graviola, cajú e acerola), arroz, soja e vinha, gado (carne e leite), camarões, madeiras e horticultura;
Extractiva mineral e produtos minerais não metálicos;
Indústria transformadora: indústrias alimentares, madeira, mobiliário e painéis p/pavimentos; indústria química, farmacêutica e da borracha, metalurgia e metalomecânica; ferramentas, soldagem e equipamentos de alta precisão e medida, equipamentos eléctricos e electrónicos; autopeças, entre muitos outros;
Construção;
Comércio, produção e distribuição de electricidade, gás e água e outros serviços, como os das tecnologias da informação.

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Retomando agora a análise das empresas-mãe portuguesas por sectores de actividade e ainda a sua localização por Regiões e Distritos de Portugal (quadros 7 e 8), verifica-se que todas elas, excepto Lisboa, apresentam uma estrutura predominantemente industrial. Com efeito, só na Região de Lisboa e Vale do Tejo e no distrito de Lisboa a maioria das empresas está baseada nos serviços. De um ponto de vista global, e não obstante a sua fraca expressão em valores monetários (evidente neste caso face aos serviços), de certa maneira confirma-se mais uma vez o papel relevante que a indústria, em particular transformadora, teve neste processo de internacionalização de empresas, tal como aliás aconteceu com tantos casos à escala mundial, com destaque para as PME¹⁶.

¹⁶ O papel na internacionalização das empresas industriais, em particular PME, tem sido fortemente salientado em casos como a Itália e Taiwan, por autores de referência como Piore e Sabel (1984) e Porter (1990).

Quadro 7

PORTUGAL: AS EMPRESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL LOCALIZADAS POR REGIÕES E SEGUNDO OS GRANDES SECTORES DE ACTIVIDADES EM QUE ACTUAM EM PORTUGAL

Regiões Eurostat	Norte		Centro		LVT		Alentejo		Madeira		Total
	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%	Nº
TOTAL	78	100,0	51	100,0	108	100,0	1	100,0	2	100,0	240
Ind. Ext. e Transf.	53	67,9	39	78,4	27	25,0	1	100,0	1	50,0	121
Electr., Gás e Água	0	0,0	0	0,0	7	6,5	0	0,0	0	0,0	7
Construção	7	9,0	2	3,9	11	10,2	0	0,0	0	0,0	20
Comércio	6	7,7	5	9,8	8	7,4	0	0,0	0	0,0	19
Serviços	12	15,4	5	7,8	55	50,9	0	0,0	1	50,0	73

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002).

Quadro 8

PORTUGAL: AS EMPRESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL LOCALIZADAS POR DISTRITOS SELECIONADOS E SEGUNDO OS GRANDES SECTORES DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS EM QUE ACTUAM EM PORTUGAL

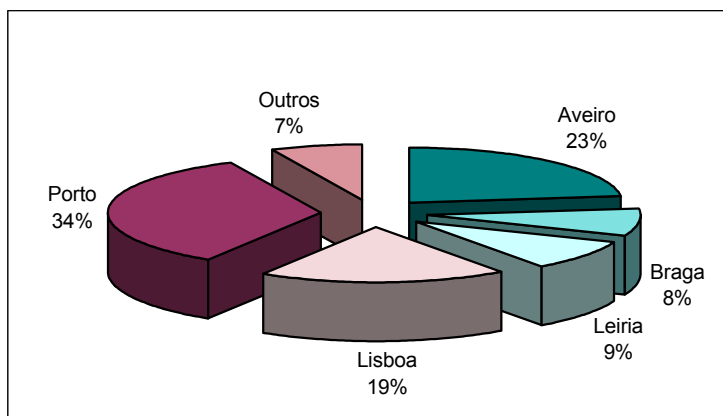
	Aveiro		Braga		Leiria		Lisboa		Porto		Outros		
	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%	
Total	37	100	11	100	12	100	102	100	62	100	16	50,0	240
Ind Extr e Transf.	28	75,7	10	90,0	11	90,0	23	21,8	41	66,2	8	18,8	121
Construção	1	2,7	0	-	0	-	11	10,9	5	8,1	3	12,5	20
Comércio	4	10,8	1	10,0	0	-	8	7,9	4	6,4	2	0,0	19
Elect, Gás e Água	0	-	-	-	0	-	7	6,9	0	-	0	18,8	7
Serviços	4	10,8	0	-	1	10,0	53	52,5	12	19,3	3	0,0	73

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002).

Na indústria transformadora que, como vimos, representa cerca da metade do total do número das empresas, Aveiro destaca-se ocupando o lugar de segundo maior distrito, com 28, sendo o Porto o primeiro com 41 empresas e Lisboa o terceiro com 23 empresas.

Gráfico 6

**PORTUGAL: DISTRIBUIÇÃO POR DISTRITOS DAS EMPRESAS
INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL – INDÚSTRIA TRANSFORMADORA**



Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Tendo em conta os dados que temos vindo a apresentar, os distritos de Lisboa, Porto e Aveiro merecem uma atenção mais detalhada. Dado o seu óbvio interesse, começemos por Aveiro. Registe-se que, neste distrito, cerca de metade das empresas internacionalizadas no Brasil são PME's (18 das 37), localizam-se em áreas de densa actividade industrial (tais como Mozelos, Aveiro, Esgueira, Albergaria-a-Velha, São João da Madeira e São Paio de Olivais) e apresentam uma gama rica de diversificação de actividades, tais como: componentes e acessórios de veículos, material de transporte, máquinas e equipamentos industriais pesados, cordoaria e cortiça, porcelana e cerâmica. Atendendo ao interesse da posição deste distrito, elaborámos uma discriminação mais completa das suas empresas por sector no quadro 9.

Quadro 9

**DISTRITO DE AVEIRO: EMPRESAS INTERNACIONALIZADAS NO BRASIL, SEGUNDO OS
RAMOS DE INDÚSTRIA DA CAE EM QUE ACTUAM EM PORTUGAL**

CAE	DESCRIÇÃO	Empresas	PME ou GE
17	Fabricação de têxteis	1	1 GE
19	Calçado	1	1 PME
20	Ind. da cortiça	6	1 PME 5 GE
25	Plásticos	3	1 PME 2 GE
26	Cerâmica	3	2 PME 1 GE
28	Fabr. de produtos metálicos	4	3 PME 1 GE
29	Máquinas e equipamentos	4	4 PME
34	Componentes e auto-peças	3	1 PME 2 GE
35	Material de transporte	1	1 PME
36	Outras inds. transformação	2	1 PME 1 GE
45	Construção	1	1 PME
51	Comércio por grosso	4	3 PME 1 GE
55	Hotelaria	1	1 GE
64	Telecomunicações	1	1 GE
74	Activid. imobiliárias	2	2 GE
TOTAL		37	18 PME 19 GE

Fonte: Elaboração própria pelos autores (2002)

Em claro contraste com Aveiro, Lisboa tem uma estrutura de localização correspondente a uma participação preponderante da Grande Empresa; só a capital é sede de 80 GEs, 49% do total destas, sendo também muito relevantes os serviços, tais como: água e electricidade, telecomunicações, tecnologias da informação, agências de viagem e hotelaria, bancos, empresas de gestão mobiliária e de investimento, além do comércio, no sector de produtos alimentares, petrolíferos e gás natural. Contudo, também a indústria não deixa de ser representativa, nomeadamente em certos sectores como a edição de livros, bebidas, cimento e as empresas de construção.

O Porto, por sua vez, apresenta um perfil onde predominam as actividades industriais e as Grandes Empresas num vasto e variado conjunto de sectores de actividade com destaque para artigos de vestuário e cordoaria, madeira, bebidas (vinho), plásticos, equipamentos pesados, máquinas e equipamentos eléctricos e electrónicos, ferramentas e tecnologias da informação.

Através dos exemplos anteriores baseados em toda uma série de indicadores, tornaram-se bem patentes as potencialidades do Banco de Dados do Observatório dos Investimentos Portugueses no Brasil que se tem vindo a construir, estando agora o caminho aberto a investigações mais profundas e sistemáticas sobre esta importante experiência inicial de internacionalização das empresas portuguesas, designadamente tendo em vista o acompanhamento e avaliação do processo e o seu desempenho com relação ao Brasil.

CONCLUSÕES

Vamos somente nos ater nestas considerações finais, às referências sobre os indicadores analisados. Assim, numa primeira abordagem, é possível extrair as seguintes conclusões:

- no universo do Banco de Dados constituído por 240 empresas, existe um expressivo número tanto de GE como de PME, 163 e 77, respectivamente, que na sua maioria se terá instalado no período 1996-99;
- um número significativo das grandes empresas/grupos económicos de Portugal já se encontra implantado no Brasil, conforme pode ser constatado pela sua elevada participação nas posições cimeiras das classificações usuais das "maiores"¹⁷;
- carecendo ainda duma sistematização geral no nosso universo do Banco de Dados, pode-se, contudo, desde já afirmar que alguns dos mais importantes grupos empresariais portugueses, tanto os de origem estatal como os privados, obtêm no seu volume de negócios consolidado uma parcela muito significativa oriunda das suas actividades no Brasil¹⁸;
- quanto à territorialidade das empresas portuguesas instaladas no Brasil conclui-se que:
 - a grande maioria das empresas provém dos dois grandes centros de actividade económica, os distritos de Lisboa e Porto. O distrito de Lisboa é predominante nas GE e no comércio e serviços e o Porto nas GE e na indústria;
 - verifica-se ainda uma presença significativa destas empresas-mãe em três outros distritos, em particular no de Aveiro e ainda, em menor escala, em Leiria e Braga, sendo esta presença ainda mais destacada no conjunto nacional das PME e na indústria;

¹⁷ Tal como ficou claro atrás, referimo-nos aos *rankings* anuais das "*Maiores Empresas Portuguesas*", que são publicados, entre outros, pelo *Expresso*, *Exame* e *Diário de Notícias*.

¹⁸ A título de exemplo refira-se: *Portugal Telecom* 32% do total e *CIMPOR* 22%, ambas em 2000; e *SONAE* 23% em 2001.

- o número conjunto de empresas localizadas nas regiões Norte e Centro ultrapassa claramente a região de Lisboa e Vale do Tejo e ainda esta supremacia do Norte e Centro é particularmente acentuada para as PME e na indústria;
- quanto à sua implantação no Brasil, verifica-se um predomínio das regiões Sudeste (sobretudo nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); existe alguma similitude entre a sua dispersão territorial no país de origem e no destino.
- No que respeita aos sectores de actividade económica verifica-se que as empresas-mãe portuguesas internacionalizadas no Brasil pertencem:
 - às actividades económicas produtivas onde Portugal se revela mais competitivo (têxteis e calçado, indústria da madeira e da cortiça, fabricação de materiais plásticos);
 - a sectores industriais e de serviços de ponta, como na metalomecânica (fabricação de moldes), instrumentação e ainda nas componentes para automóveis, actividades informáticas, telecomunicações, consultoria, principalmente de engenharia, em que nesta última se nota a presença de quase todas as principais empresas portuguesas do sector;
 - se entretanto, a estatística for organizada não pelo número de empresas mas pelo volume de negócios, os sectores de comércio e de serviços passam a ter uma participação maioritária em relação à indústria;
 - aos sectores onde os dois países são mais facilmente comunicantes (hotelaria, agências de turismo e transportes e edição de informação).
- É importante ressaltar-se que não existe necessariamente uma correspondência biunívoca entre a actividade económica empresarial exercida em Portugal e a exercida pelas subsidiárias portuguesas no Brasil:
 - no caso dos têxteis, e à excepção dum reduzido número de empresas, como a do grupo *Quintas & Quintas* que transnacionalizaram e até deslocalizaram a sua produção tanto para o Brasil como para Moçambique, a grande maioria das empresas deste ramo detém meramente actividades comerciais no Brasil;
 - outro aspecto desta não correspondência tem a ver com a presença clara de subsidiárias no Brasil controladas por capital português na agricultura e no agro-alimentar, o que provavelmente se deve ao facto do Brasil, ser competitivo

numa larga gama destes produtos agrícolas, pelo que é lógico, que empresas provenientes de outros sectores (financeiro, por exemplo) aí invistam¹⁹;

- como contra-exemplos, da existência duma correspondência entre a actividade exercida em Portugal e no Brasil, existem ainda várias presenças expressivas pela via da transnacionalização da produção (tais como cimento, fábricas para componentes de automóveis, moldes e máquinas e equipamentos, além das concessões de telecomunicações, electricidade, água e autoestradas).

A nossa intenção é num futuro próximo aprofundar mais este roteiro de investigação, incluindo o teste de hipóteses teóricas relevantes²⁰. Os elementos estatísticos fornecidos por entidades públicas ou privadas, que tem escasseado, seriam bem-vindos, poderiam ser importantes e complementares à rota de investigação deste Projecto, em particular no que respeita ao Banco de Dados, com vista à necessária avaliação mais rigorosa do processo. Em suma, pretendeu-se dar uma contribuição efectiva para o estudo da internacionalização das empresas portuguesas (e por conseguinte, também da economia portuguesa) através da caracterização geral, de raiz empírica, da sua presença no Brasil, utilizando toda uma série de indicadores, e mostrando as potencialidades metodológicas contidas pela criação de um Banco de Dados de empresas.

¹⁹ Lembre-se este respeito, o caso do *Grupo Espírito Santo* que é hoje um dos cinco maiores grupos de capital português com IDE no Brasil, e detém como área relevante de negócios um diversificado sector de *agro-business*, com posição de liderança no Brasil como produtor cafeeiro, sendo verdade que, em relação aos restantes grupos, a sua internacionalização se deu mais cedo, em meados dos anos 70. Refira-se ainda que, embora este grupo tenha alguns interesses nesta área em Portugal, eles são relativamente marginais.

²⁰ A partir de uma série de indicadores, que estão sendo compilados e construídos pelo Observatório das Empresas Portuguesas no Brasil, principalmente no Banco de Dados em expansão, que incluirão também séries históricas, será possível não só seguir atentamente cada experiência, como também estudar casos de sucesso e insucesso, comparar com outros países e experiências, etc.

BIBLIOGRAFIA

BRÁS, J., Coord. – *As Empresas Portuguesas na Globalização dos Mercados*, estudo promovido pelo Fórum Portugal Global, com a colaboração de ICEP e IAPMEI, 1999, Lisboa.

BUCKLEY, P. J. e **CASTRO, F. B.** – “The Investment Development Path: The case of Portugal”, *Transnational Corporations*, vol. 7, 1998, nº 1: p. 1-15.

CASTRO, F. B., – *Foreign Direct Investment in The Europe Periphery: the Competitiveness of Portugal*, PhD Thesis, University of Leeds, 2000, Leeds.

CASTRO, F. B. e **BUCKLEY, P. J.** – “Foreign Direct Investment and the Competitiveness of Portugal”, *IV Conferência sobre a Economia Portuguesa*, CISEP/ISEG, 2001, Lisboa.

COSTA, C. G. – Portuguese Investments in Brazil – Traditional Determinants and the Contribution of Cultural Proximity, UK AIB – Academy of International Business, Doctoral Colloquium Tutorial, Lancashire. (Disponível como Documento de Trabalho do CEDIN nº 7/02), 2002.

DUNNING, J. H. e **PEARCE, R. D.** – *The World's Largest Industrial Enterprises*, St. Martin's Press, 1981, Nova Iorque.

GUEDES, C. e **OLIVARES M. G.** – "Investimento Português do Brasil: os Desafios de uma Lógica Ibérica", *Cadernos de Economia*, Ano XVI, Janeiro-Março, 2003, p. 73-82.

HYMER, S. H. – *The International Operations of National Firms: a Study of Foreign Direct Investment*, MIT Monographs in Economics nº 14, 1976, The MIT Press, 1960, Cambridge/Mass.

MENDONÇA, A. – "O Investimento Directo Estrangeiro em/de Portugal (1980-1996)", A. Romão, Coord., *Comércio e Investimento Internacional*, ICEP, 1997, Lisboa, p. 153-198.

MENDONÇA, A., Coord. *et al* – "Fluxos de investimento directo Portugal – Brasil: uma caracterização geral", *DT-Documento de Trabalho 31/2001*, GEPE – Ministério da Economia, 2001a, Lisboa.

MENDONÇA, A., Coord. *et al* – "O Investimento Directo das Empresas Portuguesas no Brasil: Sectores, Tipo de Operação e Determinantes Fundamentais, 1996-1999", *DT-Documento de Trabalho 32/2001*, GEPE - Ministério da Economia, 2001b, Lisboa.

NEWFARMER, R. S. e **MULLER, W. F.** – *MNCs in Brazil and Mexico Structural Sources of Economic and Non-Economic Power*, US Senate, 1975, Washington.

PIORE, M. J. e **SABEL**, C. F. – *The Second Industrial Divide*, Basic Books, 1984, Nova Iorque.

PORTER, M. F. – *The Competitive Advantage of Nations*, The MacMillan Press, 1990, Londres.

SILVA, J. R. – "La nouvelle géopolitique de l'économie portugaise", *Lusotopie*, nº 1-2, L'Harmattan, 1994, Paris, p. 51-71.

SILVA, J. R. – O Desenvolvimento Recente das Relações Económicas Luso-Brasileiras: Algumas Reflexões, *Anais do III Encontro de Economistas de Língua Portuguesa*, Vol. III, Universidade de Macau, 28-30 Junho, 1998, p. 695-725.

SILVA, J. R. – "Les relations économiques luso-brésiliennes au temps de la mondialisation", *Lusotopie*, Vol. 1999, Éditions Karthala, Paris, p. 55-89.

SILVA, J. R. – *Portugal/Brasil: Uma Década de Expansão das Relações Económicas, 1992-2002*, Terramar, Lisboa.

SIMÕES, V. C. et al. – A internacionalização das empresas portuguesas: uma perspectiva genérica, *GEPE - Ministério da Economia e Semanário Económico*, 2001, Lisboa.